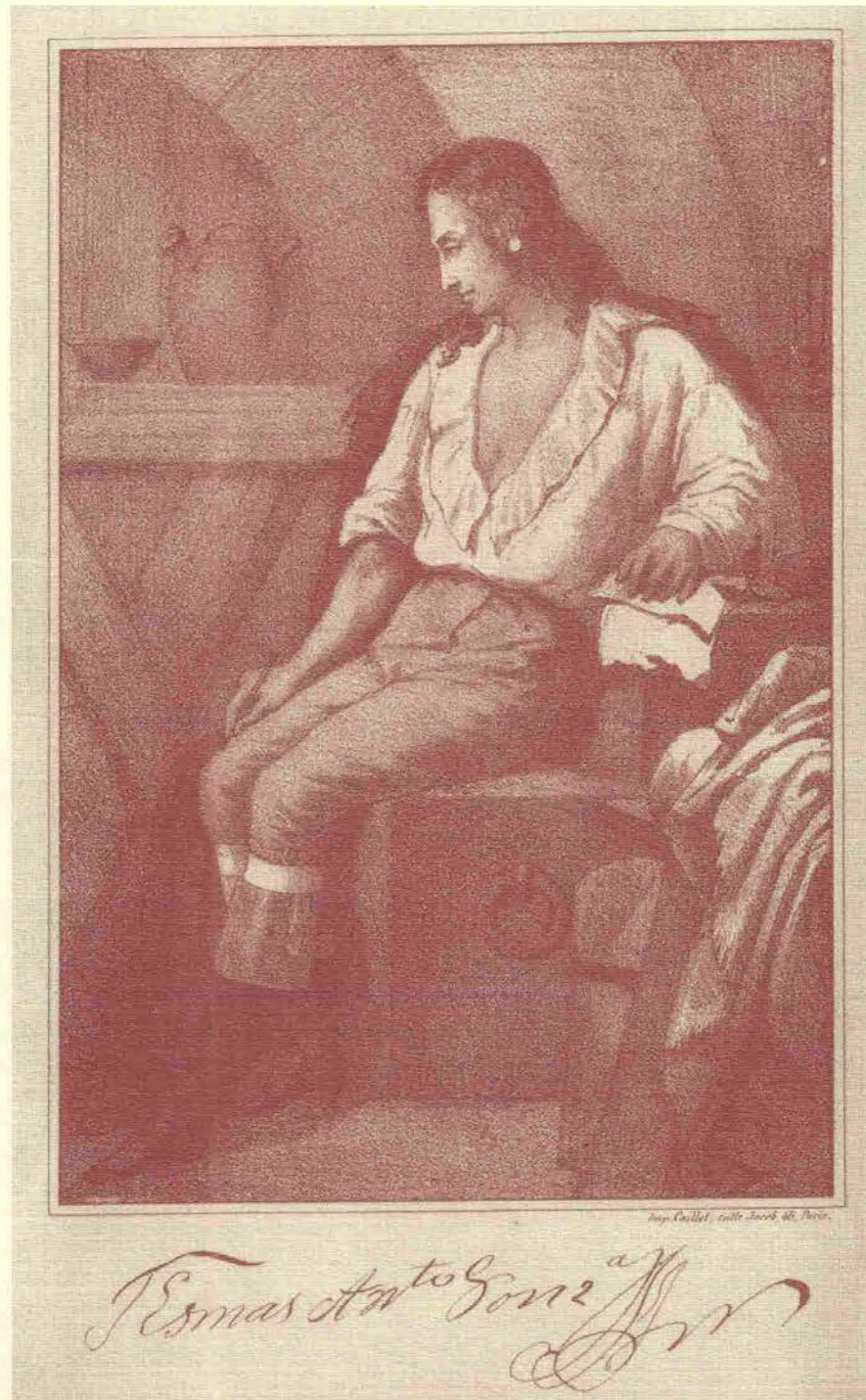




isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO VI • Nº 14 • 2004



Entre a África e o Brasil

páginas 4 e 5

editorial

Fm 1936, às vésperas da instituição do Estado Novo, o presidente Getúlio Vargas tomou providências para o repatriamento dos restos mortais dos inconfindentes mortos em solo africano. A responsabilidade pela operação desenvolvida na área do Ministério da Educação e Saúde, cujo titular era Gustavo Capanema, foi atribuída ao historiador Augusto de Lima Júnior.

Por essa época, as dependências portuguesas no continente negro continuavam caracterizando-se pelo primitivismo a que foram votadas por uma política secular de franca espoliação econômica, já nos seus estertores finais mas ainda constituindo grande peso a sufocá-las. Como se sabe, o império luso não cuidou jamais da implantação de um sistema educativo capaz de encaminhar em condições satisfatórias o desenvolvimento de um povo que, ainda hoje, apresenta marcas visíveis das suas origens tribais. O analfabetismo continua muito resistente e as formas rituais do viver e do morrer pouco evoluíram dos tempos em que o advogado Tomás Antônio Gonzaga, mesmo proibido pela Coroa do desempenho de funções de responsabilidade, devido a sua condição de estar cumprindo pena por crime considerado de alta traição, acabou convocado pela administração local, pois na ilha de Moçambique, até para redigir uma petição, eram poucos os habilitados.

Em tais condições, pode-se presumir a precariedade dos procedimentos formais, civis e religiosos, relacionados com os sepultamentos verificados no remoto século XVIII. Essa circunstância deve ter representado sério complicador no momento em que foi necessário fazer a localização de cada um dos brasileiros que deviam ser exumados para atender aos interesses do governo brasileiro. Poderá ser atribuído apenas a displicência o fato de não haver sido realizada, no momento próprio, uma investigação histórica documentada e cabal que desse credibilidade indiscutível aos atos então praticados? As críticas numerosas da imprensa que, no combate à ação do governo, levantou suspeita quanto à escolha do nosso enviado para cuidar do assunto, sem dúvida teve aí a sua motivação.

Mas isso não autoriza ninguém a dizer que, por tais razões, o Panteão da Inconfidência, localizado no Museu da Inconfidência, padece de credibilidade verdadeira ou que a autenticidade dos restos dos homenageados que nele repousam constitua um processo sempre aberto à discussão. Nas sociedades rudimentares, funciona uma prática empírica, não letrada, que permite procedimentos de certa segurança na vida concreta cotidiana. A prova disso é que as ossadas desenterradas pelo Itamaraty em Cacheu, porque uma índia apontou o lugar onde haviam sido sepultados uns brasileiros, depois de permanecerem décadas no arquivo histórico daquele órgão de diplomacia, agora puderam ser admitidas, através de exame de DNA, como efetivamente pertencentes a José de Rezende Costa.

Capa:

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA
ÓLEO SOBRE TELA DE J. M. MAFRA
SÉCULO XIX

isto é inconfidência

ANO VI • N° 14 • 2004

Publicação do
MinC - IPHAN - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000

Ouro Preto • Minas Gerais

Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233

museuinc@feop.com.br

Tiragem:

1500 exemplares

Periodicidade:

Trimestral

Projeto Gráfico

Laís Freire dos Reis

Editor

Rui Mourão

I. Programação comemorativa dos 60 anos de criação do Museu da Inconfidência

- 9 de julho a 29 de agosto, de 12 às 18h00 - Exposição Iberê Camargo - Gravuras. Sala Manoel da Costa Athaide, Anexo I.
- 5 e 6 de agosto, de 10 às 18h00 - Museu de Portas Abertas: visitas orientadas à reserva técnica, arquivos, biblioteca e laboratórios de restauração, setor de musicologia, setor de documentação e setor de pesquisa.
- 7 de agosto - III Festival de Bandas Ouropretanas, com a participação de 5 bandas oriundas de Ouro Preto, Itabirito e Ouro Branco.
- 8 de agosto, às 8h30 - missa em comemoração dos 60 anos do Museu, Capela da Ordem 3ª de Nossa Senhora do Monte do Carmo.
- Às 17h00 - III Festival de Bandas Ouropretanas. Participação de 5 bandas oriundas de Ouro Preto, Itabirito e Barão de Cocais.
- 9 e 10 de agosto, às tardes e noites "Museu, memória e patrimônio" - seminário com Mário Chagas e Regina Abreu.
- 11 de agosto - Aniversário do Museu da Inconfidência - 60 Anos de Criação.

- Às 18h00 - Telão na Praça. Exibição do vídeo institucional do Museu da Inconfidência e documentários sobre Ouro Preto.
- Às 19h30 - concerto de música colonial com a participação do grupo instrumental Camerata Athaide e do coral Madrigale Nansen.
- Às 21h00 - show pirotécnico. Mirante da ladeira João de Paiva, morro São Sebastião.
- Às 21h30 - lançamento do catálogo *Sala Manoel da Costa Athaide, de Música do Brasil Colonial*, 3º vol., e de *Oficina do Inconfidência-Revista de Trabalho*, nº 3.
- 12 e 13 de agosto, de 10 às 18h00 - Museu de Portas Abertas: visitas orientadas à reserva técnica, arquivos, biblioteca e laboratórios de restauração, setor de musicologia, setor de documentação e setor de pesquisa.
- 15 de agosto, às 18h00 - concerto de encerramento com o Coral Calópe e Orquestra de Cordas Barroca de Belo Horizonte, Teatro Municipal Casa da Ópera.
- 27 e 28 de agosto, às 19h00 - Mesa Redonda. A Leitura da Obra de Arte Contemporânea. Auditório do Museu da Inconfidência, com a participação de Paulo Venâncio Filho, curador da exposição Iberê Camargo, e grupo de pesquisa artística do Congresso Internacional de Estudos Clássicos.

2. Auditório, Anexo I

Projeto Vídeo no Anexo

Em julho o Inconfidência estará sediando algumas atividades do Fórum das Artes e oferecendo, aos participantes e à comunidade em geral, a mostra "Ouro Preto - Um Cenário para o Cinema". O programa constará da exibição de filmes que mostram o contexto histórico da cidade como cenário.

Em agosto, o Projeto Vídeo no Anexo apresentará o programa "Semana de Arte Moderna". Haverá exibição comentada de filmes, palestras e mesa redonda sobre a filmografia que marcou o acontecimento de 1922 em São Paulo, quando grandes expoentes das artes no Brasil foram revelados. Desenvolvido em parceria com a Universidade Federal de Ouro Preto, o evento estará acontecendo a tarde e a noite.

Ainda em agosto, o Projeto Vídeo no Anexo retomará, todas as quartas-feiras, às 19h30, sua programação livre, com exibição de super-lançamentos do cinema.

Procure-nos e dê sua sugestão. Desejamos intensificar a aproximação da comunidade com o museu.

O QUE DISSERAM DE NÓS

"Um crime em Ouro Preto", matéria da nossa última edição, produziu outra, "História de amizade e traição", de autoria de Anna Marina, publicada no *Estado de Minas* de 19 de abril. Após o assassinato do estudante paulista, Viriato Vargas e os irmãos tiveram que fugir à sanha justiceira que tomou conta da cidade e foi ajudado por Benjamim Torres (tio de Anna Marina) estudante de farmácia. Este, incompatibilizado para o retorno a Ouro Preto, seguiu com os gaúchos para São Borja, onde foi adotado pela família. Por lá terminou seu curso, casou-se, chegou a ser eleito prefeito. No dia da posse, alta madrugada, um camponês que buscava remédio para o filho bateu à porta da farmácia. Benjamim usou escada para pegar no alto o medicamento, levou um tiro pelas costas. Nunca se descobriu o autor da morte, mas a viúva até o fim da vida continuou acusando os Vargas, que não aceitavam concorrente em seus domínios, mesmo no caso de um considerado da família.

A redação

Domingos Diniz nos passou dois exemplares do excelente *Isto é Inconfidência*. Lemos com muito interesse e atenção. Parabéns pelo rico conteúdo.

LULA GONZAGA E EDILEIDE LEDO
DESENHISTA E PRODUTORA CULTURAL - RECIFE

O artigo no *Isto é* nº 12 sobre Kubitschek é exemplar em matéria de informação sucinta e objetiva, linguagem clara e leveza de estilo.

LETÍCIA MALARD
PROFESSORA EMÉRITA DA UFMG

Recebi *Isto é Inconfidência*. Parabéns pela qualidade editorial e dos artigos.

HENRIQUE OSWALDO
PROMOTOR CULTURAL

Sinto-me privilegiado de figurar entre os que recebem *Isto é Inconfidência*. Como sempre, leitura útil e agradável. Sensacional lembrança a de João de Minas. E o crime heim? Essa do Augusto de Lima eu desconhecia, a do pai e a do filho.

PEDRO ROGÉRIO MOREIRA
JORNALISTA

Recebi *Oficina do Inconfidência*, que traz valiosas contribuições aos estudos historiográficos e museológicos. Parabéns pela excelência dos trabalhos.

CARMEM CECÍLIA TROVATTO MACHETTO
PROFESSORA DE HISTÓRIA E ESTUDOS SOCIAIS
DIRETORA DO CAMPUS DA UNIVERSIDADE PAULISTA

Recebi *Oficina do Inconfidência* nº 2. Excelente! Pela qualidade da produção e apresentação gráficas e, sobretudo, pelo nível dos textos e a diversidade temática.

CAIO BOSCHI
PROFESSOR DE HISTÓRIA DA PUC E DA UFMG

Acabo de receber a revista do Museu da Inconfidência. Fiquei muito bem impressionada com a qualidade dos textos e o cuidado gráfico.

REGINA ABREU
PROFESSORA DE ANTRPOLOGIA, RIO DE JANEIRO

Agradeço o envio do excelente *Isto é Inconfidência* nº 13.

LUÍZ CLÁUDIO
MÚSICO E DESENHISTA

Recebi *Isto é Inconfidência* com a notícia sobre o nosso Tiradentes. Li o texto por telefone, ontem à noite, para às companheiras de trabalho. Ficamos felizes com a notícia que, sendo breve, tocou no ponto essencial da questão que nós propusemos.

ZINA BELLODI
PROFESSORA DE LETRAS - JABOTICABAL, SP

Recebi *Isto é Inconfidência*. Gostariamos de receber os números anteriores, desde 2001.

MARIA SANTOS LIMA
CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO - UNIFIL SÃO PAULO

Acabo de receber o nº 13, ano VI, de *Isto é Inconfidência*. A reportagem do crime em Ouro Preto nos transportou para o ano de 1938 quando, estudante no Dom Bosco e membro da banda colegial, participei das solenidades que marcaram a volta das cinzas dos inconfidentes na presença de Getúlio Vargas, Benedito Valadares e outras autoridades.

BRASIL BORGES
ESCRITOR

Fico honrada ao receber *Isto é Inconfidência*. Eu e meu marido Mário Eustáquio, fotógrafo marianense mas com o coração dividido ao meio, marianense/ouropretano. Lemos e passamos para minha irmã, mestra em Geografia.

MARIA CLARA LIMA
OURO PRETO

Sobre a entrevista na www.revistamuseu.com.br: Muito pertinente a reformulação dos conceitos do Museu da Inconfidência. Já não era sem tempo a necessidade de mudanças naquele museu. Ele mais parecia um livro de história da década de 60 do que realmente um depositário de peças, fatos e acontecimentos histórico-sociais que culminaram com o grande movimento separatista nacional. Sempre senti falta, nas vezes que o visitei, de informações sobre a época áurea (nos dois sentidos) de Ouro Preto, quando chegou a ser a maior cidade das Américas (tinha 3 vezes mais população do que Nova York) ocupada por forasteiros em busca da riqueza fácil, mas também por uma classe social que começava a pensar de forma independente num Brasil autônomo e promissor.

HENRIQUE COUTINHO
ARQUITETO

Adorei a entrevista. Parece que estamos dentro do Museu com estas fotos. Não dá para imaginar o Museu como vai ficar, não vejo a hora destas mudanças.

TEREZA RESENDE
ASSESSORA DO CENTRO DE CONVENÇÕES-UFOP

Fm 1997, o jornalista Adelson Gonçalves defendeu, na Universidade de São Paulo, a tese *Gonzaga - Um Poeta do Iluminismo*, orientada pelo professor Massaud Moisés. Um calhamaço de 857 páginas datilografadas, dando notícia de pesquisas exaustivas realizadas em arquivos portugueses, teve como resultado o levantamento da biografia do grande poeta do Arcadismo, ouvidor em Vila Rica. A novidade de impacto, que provocou reportagem de página inteira na *Folha de S. Paulo* de 14/01/98, foi a afirmação de que o autor de *Marília de Dirceu* não teria vindo para integrar o Panteão dos Inconfidentes, no Museu da Inconfidência. Quando da demolição da igreja de Nossa Senhora do Rosário, no convento de São Domingos, os restos mortais de Tomás Antônio Gonzaga tiveram que ser transferidos do seu túmulo de origem e pairam dúvidas sobre o destino que teriam tomado.

Os fatos

Em 1936, atendendo pedido de Getúlio Vargas, o governo mandou localizar as ossadas dos inconfidentes condenados pela justiça de D. Maria I em fins do século XVIII, que pereceram no degredo da África. Enviado para tratar da questão a nível diplomático e acompanhar o embarque das urnas, o historiador Augusto de Lima Júnior, ao retornar ao Brasil, afirmaria que Gonzaga havia sido retirado do jazigo da família, na igreja de Nossa Senhora dos Remédios da Cabeceira Grande, na circunscrição de Mossuril.

Tudo indica que a exumação não foi precedida de um processo rigoroso de investigação histórica. Parece que a autoridade local se encontrava de posse de alguma certeza e se sentiu com segurança para ordenar o início dos trabalhos.

A surpresa

A conclusão de Adelson Gonçalves se baseou numa verificação objetiva, por ele considerada prova irrefutável. Visitando o referido "jazigo da família", surpreendeu-se por não ver em parte alguma o nome do poeta inconfidente. Encontrou apenas indicação referente a um neto que, enquanto vivo, se apresentava com o nome do avô, mas acrescido de apêndice final que o adjetivava - "de Magalhães". O pesquisador tomou-se de perplexidade. Por mais honroso que pudesse ser tal sobrenome na região e por mais prestigioso que pudesse ter sido no passado, para nossa consciência de brasileiros ele funcionava como diminuição.

Aquela evidência se apresentava de todos os modos desconcertante. Ela indicava grave erro histórico, que comprometia a iniciativa do presidente Getúlio Vargas, no seu desejo de repatriar os heróis brasileiros. Nosso governo teria sido enganado da maneira mais leviana pelas autoridades portuguesas e moçambicanas? Teria havido, além do mais, displicência absoluta do historiador Augusto de Lima Júnior que, enviado para acompanhar a operação de resgate, não tivera rigor na fiscalização, antes procedera de maneira atabalhoada, sem escrúpulo de estar agindo contra a boa fé dos brasileiros e a honradez do ministro Gustavo Capanema, que se encontrava na retaguarda de tudo?

O jazigo

A inscrição encontrada por Adelson Gonçalves na parede da capela-mor do templo, "na base do arco, do lado do evangelho", foi a seguinte:

Entre a África



PANTEÃO DOS INCONFIDENTES.

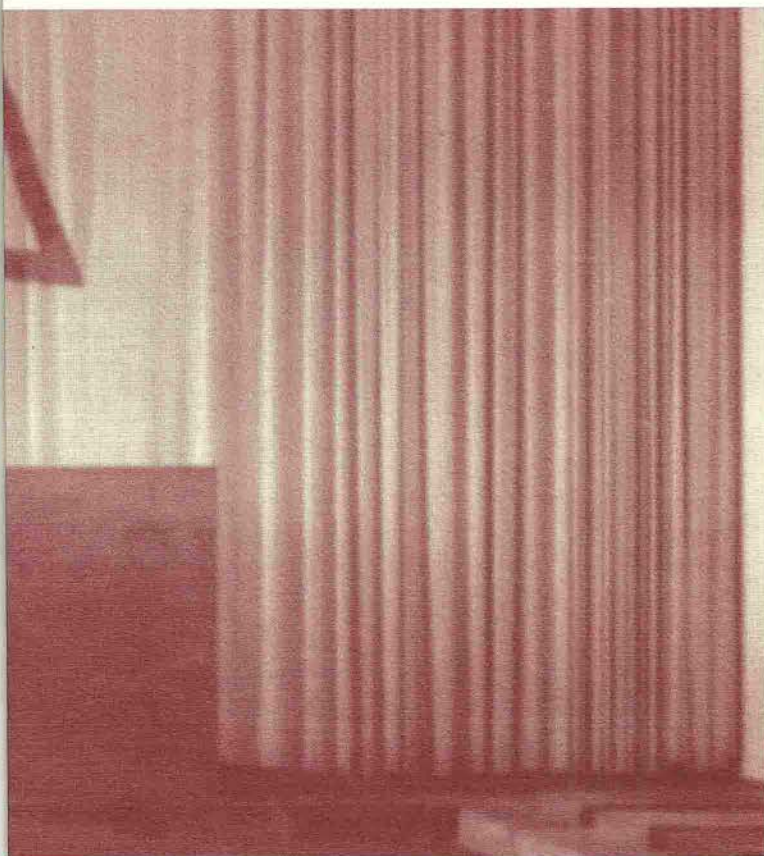
Esta fria campá encerra os restos mortais de Tomás Antônio Gonzaga de Magalhães, filho de Adolfo João Pinto de Magalhães e de D. Ana Mascarenhas Gonzaga.

Nasceu a 24 de outubro de 1829 e morreu em 18 de junho de 1855

P.N.A.M.

Se, com base no apurado, o pesquisador pensava em subverter uma versão histórica consolidada, relacionada com um dos personagens centrais da Inconfidência Mineira, a primeira providência que deveria ter tomado seria a de tentar destruir a afirmação de Augusto de Lima Júnior, que classificou essa sepultura como "jazigo da família". Nada disso, entretanto, foi feito. Ao deparar com a referência ao neto, Adelson admitiu simplesmente que se tratava de túmulo individual. Ora, estando no local, não podia ter se contentado com a aparência superficial do que lhe havia sido posto diante dos olhos. Alguma outra providência precisaria ser tomada.

Os tempos africanos aqui considerados distavam muito da Idade Média, período da humanidade em que a morte era considerada acontecimento coletivo e não existia a preocupação de individualizar os sepultamentos - costume iniciado no período romântico - mas não chega a constituir uma insensatez admitir que, na África ou em qualquer lugar, se venham fazendo enterros anônimos em depósitos que na verdade são jazigos de família. Para ficarmos só entre nós, até hoje vemos parentes sendo sepultados dividindo espaço debaixo de uma pedra displicente em matéria de informação. Pode-se objetar que Gonzaga constituía caso especial, que estava a exigir personificação. Entretanto, não podemos deixar de considerar que à chegada dele, lá se encon-



NO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA.

trava o nome do descendente, falecido muito jovem, possivelmente ferindo corações. O sentimento dessa perda pode ter sido a razão da tentativa de conseguir, com a inscrição, tornar menos fugaz a sua lembrança. Que se costumava dar sepultura anônima às pessoas no país, está a comprovar o caso da mulher de Gonzaga. Por não ter merecido uma lápide nem qualquer registro, ignora-se o local do seu enterramento.

Depoimentos e opiniões

Adelton Gonçalves demonstrou possuir especial apreço por pronunciamentos encontrados em letra de forma, mesmo quando não passam de simples opinião. De maneira pouco rigorosa ele procurou documentar a revelação que julgou ter feito sobre Tomás Antônio Gonzaga. Começou levantando um comentário básico, da época da demolição da igreja de São Domingos, feito pelo indo-moçambicano João Vicente da Gama. Segundo esse personagem, "alguns cavalheiros tiveram a honrosa idéia de render homenagem ao poeta" trasladando seus restos para alguma igreja da cidade, "porém, infelizmente, nem mesmo os seus próprios parentes sabem o lugar da sepultura". Aplicado em levantar referências apresentadas em letra de forma, Adelton vai encontrar Antônio Ennes, no final daquele século, confirmando as palavras de Gama, corrigida apenas a data da demolição do templo. E a terceira abordagem do assunto, que lhe pareceu decisiva, descobriu no jornal *Notícias*, de Lourenço Marques, edição de 1955. Adolfo Pinto de Magalhães, trineto do poeta, em carta dirigida à publicação, procurava informar que os restos mortais recolhidos em Cabaceira Grande pertenciam a Tomás Antônio Gonzaga de Magalhães. Voltando a insistir na informação de que "nem mesmo os parentes" sabiam do destino tomado pelo poeta, encerrou suas conclusões com o comentário: "Tudo leva a crer,

portanto, que não são suas ossadas (de Gonzaga) que se encontram no Brasil".

Desejando ser exaustivo, o pesquisador traz a nosso conhecimento mais uma carta, dirigida a Joaquim Montezuma de Carvalho em 1971 por Alexandre Lobato, diretor do Arquivo Histórico de Moçambique. O missivista era de opinião que o governo português tentara satisfazer o presidente brasileiro, mas o administrador de Mossuril, diante da dificuldade de localizar a sepultura de Gonzaga, abriu mesmo a do neto, "sabendo às claras, como todo mundo sabia (e a própria lápide rezava), que não eram os do poeta" os ossos remetidos ao Brasil. Mas Adelson não deixou de relacionar também artigo de Antônio Capão, ensaísta que estudando os versos elegíacos das campas da igreja da Misericórdia, onde se acha a lápide do neto, chamou a atenção para a proximidade do convento de São Domingos e escreveu: "Não nos repugna aceitar uma trasladação dos seus ossos (do inconfiante) para a referida igreja. Até prova mais convincente, seguimos essa opinião, a mais aceitável quanto a nós". Esse professor tentou, como se vê, pelo menos raciocinar com base na realidade concreta, mas não chegou a impressionar o autor de *Gonzaga - Um Poeta Iluminista*.

No conjunto de pronunciamentos levantados, não faltou sequer um que parece ter vindo para destruir por completo os anteriores, tornando muito evidente, o que o pesquisador fazia era apenas remexer num saco sem fundo, de validade zero como prova documental. Refiro-me ao que escreveu Alexandre Lobato. Segundo esse historiador, é muito provável que a trasladação dos restos de Tomás Antônio Gonzaga nunca tenha ocorrido. Com a demolição de São Domingos, os ossos do poeta teriam desaparecido para sempre.

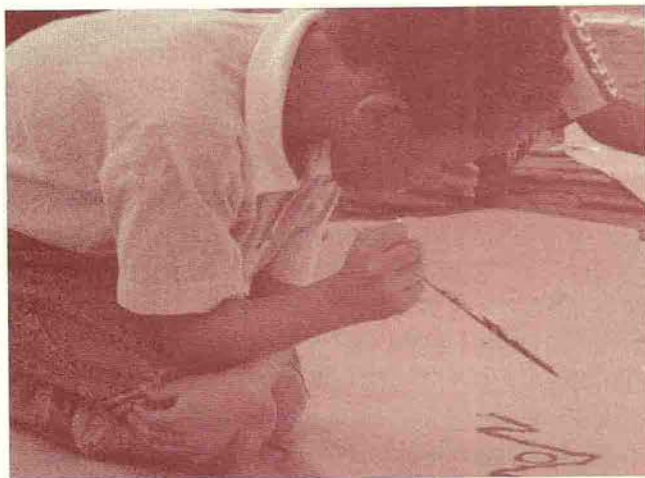
Nenhuma revelação

Adelton Gonçalves nos deixou, com a sua pesquisa, na mesma posição em que sempre estivemos. Até que surjam provas aceitáveis, não podemos deixar de acreditar na versão apresentada pelo historiador Augusto de Lima Júnior: De fato, por enquanto, não há nada em que se possa apegar com segurança. E em virtude do parentesco do poeta com o Gonzaga que disputa a exclusividade do túmulo, não exista sequer a solução de se apelar para um exame de DNA.

Aspecto grave da liberdade com que Adelton Gonçalves manipula a bibliografia pude verificar na citação de *Boca de Chafariz*, livro do qual sou autor: Desejando comprovar (sempre com texto) os costumes do século XVIII no trato com as mulheres, ele inventou novo título para o meu trabalho - *Obras selecionadas* - e outro nome para a editora, que passou a ser Museu da Inconfidência. Talvez porque não pudesse confessar que as informações coletadas pertenciam a um romance, gênero nobre sem dúvida nenhuma, mas pouco recomendável para abono no contexto de uma tese acadêmica.

Lamentável sob todos os aspectos foi o fato de o jornalista Marcelo Rezende ter sido influenciado pelo colega doutorando. Ao revelar igual desapareço pela questão das provas, não vacilou em assinar a autoria de uma reportagem sensacionalista, inteiramente vazia, apresentada pela *Folha Ilustrada* com manchete bombástica, que atravessava de ponta a ponta a página do jornal: "Tomás Antônio Gonzaga continua exilado na África".

Museu-escola



A primeira atuação do Museu da Inconfidência para intervir de forma sistemática na dinâmica de Ouro Preto aconteceu em meados da década de 70, quando a instituição, depois de atravessar prolongada crise, iniciava o processo da sua recuperação. Implantou-se àquela altura uma atividade de museu-escola, que fazendo o possível e o impossível para superar as crônicas limitações da falta de pessoal e orçamento adequado, mantém-se viva até hoje.

O projeto então posto em prática nasceu de trabalho que apresentei em curso de treinamento patrocinado pela UNESCO e baseava-se no aproveitamento das possibilidades didáticas do teatro de marionetes. Recebidos no Museu, os alunos praticavam variadas técnicas artísticas - desenho, pintura, escultura, modelagem, colagem -, ao mesmo tempo em que, na biblioteca, realizavam estudo sobre personalidades da exposição permanente. Com as informações obtidas na pesquisa, estimulados pelos instrutores eles eram levados a compor uma peça teatral e, com o adestramento conseguido no ateliê, a construir bonecos retratando os personagens que atuavam na história. A atividade terminava com uma apresentação no auditório, na presença das famílias dos alunos, provocando invariavelmente geral interesse. Repetido à exaustão, esse modelo pedagógico, consolidando-se em torno de espetáculo infantil intitulado "Bárbara Louca, Marília Apaixonada", terminou tendo apresentação em palco da cidade com personagens vivos encarnados por adolescentes.

À medida que o setor pedagógico se desenvolvia, graças à atuação de Bete Salgado de Souza, outros projetos iam sendo postos em prática. O acervo do Museu era utilizado como gancho para comentários sobre a

história da comunidade. Abordava-se a formação urbanística e arquitetônica, chamando-se atenção para monumentos e templos religiosos, arte e artesanato. Ao influxo do pensamento de Paulo Freire, o foco de interesse foi sendo deslocado para a busca da construção da criança a partir da sua realidade imediata. Desejávamos formar o ouropretano consciente dos seus valores, conhecendo a cidade em que vivia e sabendo, em conseqüência, que tipo de papel desempenhava no todo do país. Os meios para se chegar a esse resultado eram visitas externas, histórias comentadas e ilustradas por desenhos, reprodução em ateliê de grandes exemplares da arquitetura, arruamentos, praças, ambientes urbanos registrados pela iconografia do século XIX, tipos regionais característicos. Nessa fase, logramos expressiva vitória. A UNESCO vinha promovendo encontros de prefeitos das cidades históricas do mundo e, no realizado em Oslo, Noruega, com o objetivo da avaliação de programa de educação patrimonial, comparecemos com a responsabilidade de representar o Brasil. Uma professora e dois alunos foram enviados para relatar a nossa experiência. Além das informações teóricas, levaram maquetes dos trabalhos mais recentes. Entre as dezenas de programas que se apresentaram, o do Inconfidência se classificou em 5º lugar.

Nossa atuação em Ouro Preto durante muito tempo voltou-se basicamente para a população escolar do perímetro urbano. Reforçávamos currículos desatentos para as questões da educação patrimonial. Quando pudemos contar com a colaboração da Secretaria da Educação do município, demos atenção também aos distritos. Outra linha a ocupar-nos era a da promoção de seminários destinados às professoras da

rede pública. Chamando a atenção para o conteúdo cultural disponível na cidade, ensinávamos a maneira de trabalhar com ele.

E aconteceu que as próprias limitações do serviço público acabariam contribuindo para difusão do programa. Nossos instrutores, contratados por serviços prestado ganhando pouco e sem estabilidade, não tinham permanência prolongada na repartição. Ficavam apenas o tempo necessário para o seu treinamento. Em tais condições, contratadas por outros órgãos, iam ser responsáveis pela proliferação de cursos semelhantes no setor de extensão da Universidade, em instituições várias e museus, até de Belo Horizonte.

Novas oportunidades de multiplicação do trabalho daí para a frente apareceriam. Ao assumir a coordenação do Grupo de Museus e Casas Históricas do IPHAN em Minas Gerais, expandi as nossas atividades pelas várias localidades em que atuávamos. Como coordenador do Programa Nacional de Museus, procurei dar a elas uma

um estojo educativo, composto de vídeo em que se discutia a questão da memória, manual de orientação para as mestras - que ficavam habilitadas a trabalhar com os conteúdos provenientes da sua própria cidade ou região - e cartaz de publicidade do programa, para ser afixado na sala de aula. Esse material, distribuído a oito mil escolas, continua até hoje a ser procurado, mesmo por professoras de outros estados.

No momento, o setor de museu-escola está sendo apanhado no contra-pé. Sofre as conseqüências daquilo que semeou. Como de um modo geral os estabelecimentos de ensino de Ouro Preto incorporaram a educação patrimonial em seus currículos, o número de alunos atendidos por nós tem diminuído. A nossa atividades tornou-se repetitiva, não se justificando mais a antiga afluência dos que a procuravam. A estratégia que deveremos seguir, daqui para a frente, será a de trabalhar com alunos de faixa etária mais reduzida, no estágio da sua formação pré-escolar, criando condições para



oportunidade nacional. Quando o Centro de Referência do Professor da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, encarregado da documentação do ensino, da pesquisa de novos currículos e do treinamento de professores desejou voltar as suas vistas para a questão patrimonial, foi no Museu que ele veio buscar ajuda. Da troca de idéias havida, nasceu a iniciativa da produção de

que seja maior o seu aproveitamento posterior. Projetamos também oferecer novos cursos e seminários para professoras. Através de reciclagem cuidaremos para que o ensino das escolas não se desvirtue e produza sempre os resultados positivos que dele esperamos.

RUI MOURÃO

Em Roma, no Vaticano

O interesse pela arte colonial brasileira continua em alta. A Brasil Connects, em parceria com os museus do Vaticano, realizará a exposição Fé, Engenho e Arte - Aleijadinho, Mestre do Barroco no Brasil, na Santa Sé, cuja abertura, a 19 de outubro, contará com a presença do presidente Luís Inácio Lula da Silva, e do papa João Paulo II.

Com ênfase na obra de Antônio Francisco Lisboa, o acervo, todo ele mineiro, deverá ocupar espaço privilegiado, à esquerda de quem entra na praça São Pedro, o chamado Braço Carlos Magno, projeto de Gian Lorenzo Bernini.

A apresentação museográfica, que estará a cargo de um italiano, prevê a reprodução da fachada da Igreja de São Francisco de Ouro Preto no pórtico de entrada, de forma que os visitantes terão acesso à exposição pela porta do famoso templo, obra máxima da arquitetura do Aleijadinho.

USA e Inglaterra

As produções do Barroco mineiro deverão estar presentes também na exposição sobre arte sacra americana que começa a ser pensada pelo Museu de Philadelphia. Um grupo de sete especialistas procedentes dos Estados Unidos, esteve em Minas Gerais visitando instituições públicas e religiosas de Sabará, Ouro Preto, Mariana e Congonhas, para o primeiro contato com o acervo existente.

Depois de ser apresentada em Philadelphia em 2006, a mostra deverá seguir para a Europa, onde será vista no Museu Victoria and Albert, de Londres, em 2007.

Aquisição

A pintura Nossa Senhora da Conceição, de João Nepomuceno Correia e Castro, e o objeto escultórico Nossa Senhora da Piedade, ambos do século XVIII, estão sendo adquiridos pelo Museu da Inconfidência.

As peças, que integram o espólio de Geraldo Trindade, há dez anos vêm fazendo parte da nossa exposição. Elas podem ser visitadas no grande salão do segundo pavimento da Casa de Câmara e Cadeia.

A compra está sendo realizada para satisfazer conveniência dos herdeiros, que não podem manter indefinidamente as obras cedidas em comodato.

Elevador

Terminou a obra de instalação do elevador, que estará à disposição de pessoas idosas, obesas e necessitadas de cuidados especiais, com dificuldade em vencer as extensas escadarias do interior do prédio. Ele funcionará conjugadamente com o equipamento denominado Garaventa, para tração de cadeiras de rodas, que permitirá a esses mesmos visitantes, subir da rua para o patamar da escadaria externa.

Instalado na área dos banheiros, para possibilitar que todos os espaços expositivos tenham o seu caráter original preservado, a interferência de caráter limitado ocorreu apenas onde, desde a adaptação do prédio para o Museu, se introduziu construção nova.

Relíquias

Surgiram, com possibilidade de virem a ser incorporadas pelo Museu, duas peças de interesse histórico, relacionadas com a Inconfidência. A representação em pintura de Tomás Antônio Gonzaga, trabalho executado por J.M. Mafrá no século XIX, e um bordado realizado em cima de gravura em papel, de autoria de Marília de Dirceu.

A interpretação do que poderia ter sido o poeta é, claro, puramente imaginosa. Sua aparência acabou sendo demasiadamente jovem, com bela estampa e cabelos longos. O trabalho de Marília constitui artesanato típico da época e, portanto, sem grande originalidade, mas ambos os objetos possuem, sem dúvida, interesse histórico e museológico.

Restauração

A Alcan Alumínio do Brasil, dentro do seu programa de proteção ao patrimônio histórico e artístico, acolheu projeto do Inconfidência, para a restauração da pintura Alegoria à Casa Real Portuguesa, que se encontra exposta e em estado razoável de conservação, mas recuperará nos próximos quatro meses todo o seu esplendor.

Procedente do Museu Arquidiocesano, a obra foi criada para figurar nas exéquias de D. João V. Desde a organização do Museu é mostrada no primeiro patamar da escadaria interna. No projeto de reformulação da exposição permanente, ela deverá descer para o primeiro pavimento, onde será montada a Sala Ouro Preto Cidade Imperial.

Dinamização

Na passagem do Dia Internacional do Museu, 18 de maio, o Inconfidência não ficou restrito à semana de comemorações instituída pelo Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN. Nossa festa se estendeu por 15 dias e levantou a cidade, com uma programação rica e variada.

Houve três apresentações musicais, diversos programas de trabalho com a população em idade escolar, que realizou pintura em plena praça pública, apresentações teatrais no Museu e visitas orientadas especiais, para o relato de histórias envolvendo as peças da exposição permanente. O cinema na praça é que não pôde acontecer, devido ao mau tempo, persistente todas as noites. A fachada do prédio, no período, contou com iluminação especial, em cores.

Processo Judiciário

O desembargador Márcio Antônio Abreu Corrêa de Marins, presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, atendendo a pedido do diretor do Museu, fez a devolução de importante peça histórica que havia sido irregularmente retirada do arquivo histórico da Casa do Pilar e acabou sendo entregue à Memória do Judiciário Mineiro. Trata-se do processo código 0448, auto 9438, em que figura como ouvidor-geral Tomás Antônio Gonzaga.

Ivan Marquetti

Um sucesso a apresentação de obras relevantes do pintor Ivan Marquetti na Sala Manoel da Costa Athaide, de exposições temporárias. Deve ter sido a vernissage mais concorrida que o Museu patrocinou desde que decidiu trabalhar com arte contemporânea para permitir aos criadores ouropretanos, principalmente jovens, familiarizarem-se com as grandes correntes dos movimentos artísticos dos nossos dias.

Ivan Marquetti, natural do Rio de Janeiro, há décadas reside na cidade e já foi por ela incorporado. Mas vive enrustido no seu ateliê e não costuma realizar exposições frequentes. Não foi por outra razão que tanto a Sala Manoel da Costa Athaide quanto o pátio anexo ficaram intransitáveis naquele dia. A agitação entrou pela noite a dentro e só terminou, num restaurante, às três horas da madrugada.